

# A viagem e volta do boi Milonga<sup>1</sup>

Newton Navarro<sup>2</sup>

“Se meu boi morrer  
Que será de mim?”  
(Toada do Bumba-meu-boi)

É tempo de sofrer, esse de agora, quando vai pela estrada de Rosário, vender Milonga. Arribou, de manhãzinha, pelo fim das estrelas, com a alva luzindo sobre o dorso das barras. Deixaram Milonga preso, no meio do curral, como condenado, desde a noite anterior, que era para não dar trabalho de procura pelo campo trevoso da madrugada. Chegadas as três horas, desamarrara o bicho que lhe pareceu mais manso, os dois grandes olhos fundos, como poças serenas, mas cheios dessa vida que há nas cacimbas perenes e era bem isso o amor de Milonga por tudo aquilo que deveria deixar: o campo, a casa, o povo e os bichos. Só não fez urrar porque então o moço não teria coragem de tomar a corda e o chapéu e se achar como agora estava, na estrada sozinha, no lusco-fusco da manhã cheirosa, a levar Milonga para o mercado da cidade.

---

<sup>1</sup> Esta crônica foi publicada originalmente em NAVARRO, Newton. **Obras completas**. Natal (RN): Fundação José Augusto: FIERN, 1998, p. 53-60.

<sup>2</sup> Newton Navarro Bilro (1928-1992) foi um reconhecido artista plástico, poeta e escritor potiguar. Ele escreveu o livro de contos “O Solitário Vento do Verão” (1961) e o de crônicas “Do outro lado do rio, entre os morros”.

E dizer que as necessidades faziam aquilo era o que mais doía. A semana inteira pensara no caso. Para todas as razões de se separar de Milonga encontrava sempre uma alternativa. Pulava de lado diante de tantas verdades difíceis da sua vida. Protegia o bicho com amor de macho enamorado. Mas as coisas apertaram de vez. Já se desfizera do saldo da safra anterior, do restante da farinha e de todo o milho do armazém. Não encontrara o que mais contar senão o boizinho manso, companheiro, quase gente, criado e vivido ali mesmo, naquele geral de sertão, desde bezerro sem mãe, nos quartos da cozinha, bebendo os primeiros leites na mamadeira, pelas mãos de Zefa, preta velha, filha de escravos.

Vender o boi não resolveria, era verdade, mas o dinheiro desafogaria um pouco. E desse pouco, a cruel medida, faria esteio para levantar mais confiança no dia de amanhã. Duro viver da gente que se abandona de bem por um bicho daqueles e um dia há de chegar com a crueza de um serviço que obriga a vender, afastar, levar de vez a cria que se fizera amor e agrado.

Sua passada mansa se alterna com o andar arrastão do animal. O dorso de milonga vai cheio de estrelinhas dos pingos de orvalho. Os olhos prendem os derradeiros brilhos da alva e, inquietos, agora vão demorando em tudo, pelo estradão, nas cercas que margeiam os campos estragados, no milharal seco e retorcido, na vazante rasa: somente a fronde dos umbuzeiros maior e mais viva. Lá para detrás das sebes de favela bate um chocalho de cabra. A manhã se descobre em claridades que vão mostrando as cumeadas da serra.

A vida das coisas renasce, sonora e clara e, no entanto, em seu coração, o moço sente uma sombra opressiva de remorso e mágoa. Por que tudo contrasta com a certeza que tem em sua missão de levar Milonga para o mercado da cidade? A bem dizer: para entregá-la à morte?

Embora atento a tudo o que está acontecendo, Milonga tem a costumeira pose de cansada, o pescoço arriado, a cabeçorra mais pesada, cheia dessa tristeza que o condenado carrega a caminho do castigo. Saberá, pelo instinto, que viajar naquela manhã não é coisa de sempre, modo diverso do costume viageiro de madrugadas antigas, quando aproveitava o tempo sereno do amanhecer para uma arribada? Por que

esse olhar carregado, essa chama funda que a estrela da manhã reacende e parece avivar?

O moço imagina que, a contar pelo tempo andado, logo estará às portas de Rosário, nos eucaliptos, pouso de vaqueiros que demandam a feira e deixam ali as montarias. Sua inquietação cresce à medida que o seu viajar se alonga na estrada. OS cheiros da mata molhada confortam o moço que vai pesado de indagações. Não será fácil chegar a Rosário, atravessar o largo da igreja, passar pela Prefeitura, descer a ladeira da usina de força e chegar ao portão do matadouro para deixar Milonga. Cada passo daquele será um quadro de sacrifício. Bem faria se ajuntasse de vez o já feito, todo aquele andar vagaroso de ida para a cidade e se botasse nos rumos de casa, deixando Milonga à solta e fosse ele, na alpendrada, imaginar coisas novas, planos, cavando na lembrança outras ajudas.

Aos seus olhos, a paisagem do dia renovado parece incomodar seus remorsos. Saber tudo tão feliz e ele a arrastar pela corda, como quem leva um criminoso, o boizinho que nem para o campo deixou servir, sempre por perto da casa-grande, como gente, nos serviços caseiros. Seria certo o que estava a fazer? Imaginava-se dono de culpa maior, como se levasse uma pessoa, naquele ofício penoso, a caminho da matança.

Os verdes ressumam diante do céu azul. Anuns parecem brotar dos tocos amarelos do milharal desarvorado e no chão da vazante, que segue a estrada até bem perto da cidade, o grupo esguio das carnaúbas espana o claro do tempo, tangendo com as palmas punhados de graúnas inquietas.

Tudo tem uma alegria primitiva e livre. Somente o boi Milonga vai de pescoço arriado, a sentença de morte nos olhos fundos, a cauda esfiapada abanando lentamente, inquieta. Já os brilhos do orvalho vão morrendo no dorso do animal. O pêlo grosso seca ao sol, mas o olhar se acende na claridade, mortiço. Vez por outra a grande língua áspera roça os beiços e a baba escorrega, em longos pingentes, que a luz enfeita de brilho, enquanto os mosquitos ficam a circular em vôo desordenado.

E quanto valerá Milonga? O moço esconde uma das mãos no bolso do casaco e fica recontando nos dedos, a medo, o preço cobiçado. Um a um e voltam a recommear os lances. Se irrita. Procura conter-se. Não, isso não seria justo: botar preço no boi, ainda vivinho, ao seu lado, entregue à sua vontade maldosa.

Na curva da estrada, já avistando os eucaliptos, Milonga puxou a corda freando o arrastão. Alteou o pescoço, olhando com demora o campo em derredor. Só vendo: soltou um urro entre lamentoso e aterrador. Mas em sons abafados, sem tons de revolta, como desabafando uma grande carga do peito. Depois, derreou a cabeça e por ele mesmo reatou a caminhada. Um anum grasnou alto, sobre a sua cabeçorra. O moço, com um gesto, tangeu seus pesares para longe, o chapéu de couro na mão e se fez mais decidido na caminhada. O urro ecoava acusador em sua lembrança. Repetia-se partido em sonâncias demoradas, mas que fazer, se Rosário já se descobria por detrás das ingazeiras, com a torre branca da igreja, o telheiro alto da delegacia e as seteiras da estação?

Atravessou o pátio da igreja com o coração oprimido. Conversou com alguns conhecidos, dizendo sua intenção de vender o boizinho de cria. Estavam parado à sombra do fícus, junto à bodega. Deixara o animal à distância e depois se achegara até o balcão da casa para bebericar. Espantar os medos, refrescar o cansaço. Mas a conversa contrariou seus propósitos. Chegaram a ajuizar melhor, aditando conselhos, que não vendesse o boizinho, que o tempo não daria preço de valor para o bicho. Esperasse mais...

Isso dóia e ele calava, sabia Deus como. Era funda aquela dor, mais ainda quando nos outros não encontrava apoio e suas razões caíam por terra.

Saiu para o pátio, tomou a ponta da corda, sem coragem de olhar Milonga e se pôs a caminho da ladeira. A pancada do motor da usina tomava a manhã. Depois da Prefeitura se defrontou com a fachada escura da Cadeia. As três janelas engradadas com ferros sujos chocaram-se com o seu olhar. Na calçada alta o soldado de ronda tocava realejo. Coisa triste, imprópria para a função de vigilante. Devia ser proibido, pensava o moço, aquele comportamento nas horas de serviço, à porta da cadeia, na cara dos presos, provocador.

De fato, por detrás das grades, na sombra suja da sala, duas figuras olhavam serenas a passagem do moço. Um, mais velho, tinha a cabeça raspada. O segundo, quase um menino, deixara-se engraçar pelo boizinho. Aproximou-se o quanto pôde das grades. Apertou-se aos ferros, ansiando. Suas mãos agarraram-se às barras nodosas e os olhos fixos

pareciam soltos, devoradores. A melodia do realejo atiçava sua ânsia. A fisionomia se destacando forte na moldura da janela intransponível, as mãos nervosas fora das grades, esvoaçantes.

A essa altura o moço atravessava o pátio fronteiro, com Milonga ainda mais pesaroso, puxado pela corda. O prisioneiro estendeu o mais que lhe era permitido a mão magra, acarinhando o vazio, depois estalou os dedos como a chamar, carinhoso, o boi. O soldado interrompeu a melodia e repreendeu o detento. Retomou o realejo e desatou a melodia interrompida. O boi cruzou o largo e foi descendo em direção do matadouro.

Quem já não suportava os remorsos era o rapaz. A tudo resistira, menos àquele olhar do preso e o seu jeito brejeiro, agradando de longe, da sua desdita, o boizinho. Que conforto não lhe teria deixado na alma (quem sabe?) a figura de Milonga, como ele condenado, também, pelos homens ao facão, nos corredores da matança? Suas últimas resistências se afrouxavam de vez. O sol, já alto, castigava. O moço parou resoluto, limpou o suor da testa, enrolou com mais firmeza a ponta da corda na mão e deu a volta, nos rumos da saída de Rosário. Cruzou outra vez a praça da igreja, o pátio da bodega onde passou sem olhar os companheiros, se indo.

Milonga atendia a tudo com presteza calma. Seu olhar traduzindo a mesma pachorra, a passada leva, as ancas rebolando. Na porta do Grupo Escolar, os primeiros alunos aguardavam a chegada da professora. Um deles, de repente, gritou alegremente, acenando para Milonga:

- Vá, boizinho bonito!

Vá, meu boi...

Aquilo fazia feliz o moço, feliz a não mais poder. Levantou o braço na direção dos garotos e repetiu, em agradecimento, mais alto, a saudação:

- Vá, boizinho bonito!

Vá, meu boi, vá, vá!...

Chegaram à fazenda antes do meio-dia. A turma da casa se alvoroçou. Os meninos acarinharam Milonga. O boizinho comeu sua ração na mão, como antigamente. E se deixou montar, num passeio mais longe, pelas pedras do rio.

À noite, descansou mais cedo, junto ao mourão, as estrelas altas refletidas nos olhos. Dava mostras de cansaço do viajão. Dormiu sossegado e feliz.

Assim foi encontrá-lo o moço, na manhã alta e nova. O rastro da cobra, na areia frouxa. A picada fatal entre o pêlo ralo, junto ao casco. A terra em torno revolvida: o animal ter-se-ia inquietado na agonia sobre o chão de estrume. Agora, parecia sereno, no sono. Quando o moço repuxou a pálpebra pesada, já endurecida, descobrindo o olho, julgou ver, na íris onde uma ou outra formiga passeava, a estrela-da-manhã refletida.

- Êta, boizinho bonito!

Vá, meu boi, vá!